

POLICY BRIEF

A Amazônia é uma entidade regional de relevância global, abrangendo oito países e um território (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Venezuela, Suriname e Guiana Francesa). Preocupado com a crescente urgência de ameaças catastróficas à Amazônia e inspirado pelo Pacto de Letícia, um grupo de mais de 200 renomados cientistas da região e parceiros globais se uniram para formar um inédito Painel Científico para a Amazônia (PCA). O Painel realizou uma avaliação científica sem precedentes sobre o estado da bacia Amazônica, tendências atuais e considerações políticas relevantes para a sustentabilidade de longo prazo dos ecossistemas amazônicos e de seus povos. As recomendações do Painel visam promover a conservação e avançar nos caminhos do desenvolvimento sustentável para a região, com uma visão de bioeconomia de florestas em pé e rios fluindo saudáveis baseada na troca e colaboração entre conhecimento Indígena e local, ciência, tecnologia e inovação.

A. A bacia Amazônica engloba a maior floresta tropical úmida do mundo, um lugar de imensa riqueza e diversidade natural e cultural.

1. A bacia Amazônica abriga a maior floresta tropical do mundo, além de uma parcela notável da biodiversidade única e insubstituível presente no planeta. Essa diversidade extraordinária confere estabilidade e resiliência aos ecossistemas terrestres e aquáticos, e é um produto de dinâmicas complexas que coevoluíram por milhões de anos.

2. O bioma Amazônia desempenha um papel crítico no ciclo global da água e na regulação da variabilidade climática. Uma quantidade significativa de umidade flui para a porção sul da América do Sul por meio de “rios aéreos” e é uma importante fonte de água para ecossistemas além da bacia. O bioma produz a maior descarga fluvial da Terra, respondendo por 16%–20% do aporte total de rios para os oceanos. É um depósito e sumidouro de carbono crucial, armazenando aproximadamente 150–200 bilhões de toneladas de carbono nos solos e na vegetação.

3. A Pan-Amazônia abriga aproximadamente 47 milhões de pessoas, incluindo cerca de 2,2 milhões de Indígenas distribuídos em mais de 400 grupos e que falam mais de 300 idiomas. Povos Indígenas e comunidades locais (PICLs) desempenham um papel crítico na geração, conservação e gestão sustentável da diversidade biológica agrícola e da floresta, bem como de outros ecossistemas amazônicos.

B. Diante do clima mais quente, do aumento do desmatamento e da degradação dos ecossistemas, além de incêndios florestais mais intensos, a Amazônia pode em breve atingir um ponto de ruptura além do qual sua recuperação pode ser inviável.

1. Os recursos naturais da Amazônia foram intensamente explorados no passado e continuam sendo explorados no presente, movidos por demandas econômicas nacionais e internacionais. A expansão contínua da agricultura, das indústrias extrativas, assim como o recente aumento de atividades ilegais representa os principais motores do desmatamento, dos incêndios florestais, da fragmentação de habitats, da degradação ambiental e de ameaças à diversidade biológica e cultural.

2. Aproximadamente 17% da Pan-Amazônia foi convertida para outros usos da terra, com um adicional de 17% sendo degradados dentro do bioma. Distúrbios provocados pela ação humana colocaram muitas espécies em alto risco de extinção, com várias delas agora restritas a porções menores de sua distribuição original, com impactos adicionais nas interações e interdependências das espécies. Distúrbios antropogênicos também estão mudando a forma como as florestas da Amazônia e outros ecossistemas funcionam, impactando o armazenamento e sequestro de carbono, diminuindo a produtividade primária dentro da bacia Amazônica e sua resiliência a distúrbios, e afetando sua capacidade de fornecer serviços ecossistêmicos regionais e globais vitais.

3. A Floresta Amazônica é particularmente vulnerável às mudanças climáticas. O desmatamento, a degradação florestal e as mudanças climáticas interagem, aumentando significativamente o risco e a prevalência de incêndios florestais, reduzindo a resiliência da floresta, e aumentando a mortalidade das árvores e o estresse causado pela seca. O clima na Amazônia pode atingir em breve um ponto crítico de consequências globais, além do qual a maior parte da floresta tropical remanescente mudaria irreversivelmente para um ecossistema diferente e altamente degradado.

4. Territórios Indígenas (TIs) e áreas protegidas (APs) cobrem cerca de 50% da bacia Amazônica e são essenciais para a conservação dos ecossistemas terrestres e de água doce. Entre 2000 e 2018, apenas 13% do total da área desmatada na bacia Amazônica ocorreu dentro de TIs e APs. Estima-se que 51% das APs e 48% das TIs sofrem pressões de desmatamento ilegal, extração de madeira, mineração e grilagem de terras, agravando as ameaças à Amazônia e seus povos.

5. Além das consequências atuais, o desmatamento e a degradação dos sistemas terrestres e aquáticos colocam em risco a saúde humana, a segurança alimentar e hídrica e diminuem a capacidade dos povos e da vida silvestre da Amazônia de se adaptarem a futuras mudanças antrópicas.

C. A Amazônia que Queremos é uma Visão da Amazônia Viva para promover o desenvolvimento sustentável e o bem-estar dos povos amazônicos, conservando os recursos únicos da Amazônia e avançando em uma trajetória sustentável que reduzirá o risco de ultrapassarmos os perigosos pontos de não-retorno (*tipping points*).

1. Cientistas alertam que a floresta amazônica pode em breve cruzar um ponto de ruptura de seu sistema climático, resultando em uma rápida transformação da floresta tropical úmida em ecossistemas degradados e secos com cobertura de árvores reduzida. Ultrapassar este ponto de desequilíbrio biofísico da Amazônia teria efeitos devastadores, tanto local quanto globalmente: uma queda súbita na biodiversidade e uma rápida morte da floresta tropical, liberação de grandes quantidades de carbono na atmosfera devido à morte de árvores, e mudanças drásticas no ciclo da água regional, com grandes impactos projetados nos aquíferos brasileiros, no agronegócio e no abastecimento de água urbano.

2. Os pontos de ruptura levarão a mudanças abruptas e possivelmente irreversíveis na

composição, estrutura e função dos ecossistemas, potencialmente incorrendo em altos custos sociais e impactos significativos nas economias regionais.

3. Devemos mudar esta trajetória com urgência e, para isso, o SPA recomenda avançar uma **Visão Viva** para a **Amazônia que Queremos**. Essa visão propõe caminhos de desenvolvimento sustentável que sejam ecologicamente saudáveis, socialmente justos, culturalmente inclusivos e que apoiem a prosperidade econômica. A Visão Viva está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ela tem como objetivo maximizar sinergias entre as diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável, reconhecendo os limites naturais dos ecossistemas da Amazônia, respeitando os direitos humanos, aprofundando a governança descentralizada, combatendo atividades ilícitas, fortalecendo parcerias para a conservação e avançando em caminhos de desenvolvimento transformadores.

4. Esta Visão Viva é articulada em torno das seguintes estratégias associadas:

Conservar, gerenciar de forma sustentável, restaurar e remediar os ecossistemas: (i) consolidar e restaurar áreas protegidas, paisagens e bacias hidrográficas para maximizar vários serviços ecossistêmicos; (ii) reduzir as taxas de desmatamento a zero na próxima década e interromper a degradação dos ecossistemas terrestres e aquáticos; (iii) implementar sistemas para monitorar, avaliar, incentivar e responsabilizar as partes interessadas pela restauração e remediação.

Investir em uma bioeconomia sustentável de florestas em pé e rios fluindo: (i) investir em educação, ciência, pesquisa, tecnologia e inovação; (ii) criar incentivos fiscais e financeiros para engajar o setor privado e as instituições multilaterais em inovação e em cadeias de valor sustentáveis; (iii) promover a criação de empregos verdes e capacitação; (iv) investir em infraestrutura sustentável no meio rural, urbano e periurbano.

Empoderamento e governança: (i) implementar um sistema de governança regional transparente e inclusivo para melhorar a gestão dos recursos naturais e fortalecer os direitos humanos e territoriais; (ii) envolver os PICLs nos processos de planejamento e formulação de políticas e promover sua representação política em todos os níveis de governança; (iii) reconhecer diferentes sistemas de conhecimento e promover a educação intercultural e o diálogo.

5. A crise socioecológica global aumentou a percepção sobre a importância da “saúde planetária”, do “bem-estar” e das “economias vivas”, que visam promover a prosperidade humana e proteger as bases da vida na Terra. Nesse contexto, a Visão Viva representa uma oportunidade para a região estabelecer novas soluções baseadas na ciência, em evidências e na natureza, e que reconheçam o valor intrínseco da natureza, da cultura e das pessoas para promover o desenvolvimento sustentável.

6. A transição para uma Visão Viva requer ações concretas e coordenadas, implementadas em escala, simultaneamente e com urgência. Com base em evidências científicas robustas, o PCA apresenta as seguintes ações políticas de alta prioridade para conservar e restaurar o bioma Amazônia:

Zerar o desmatamento e a degradação dos ecossistemas e combater os incêndios florestais. Garantir a integridade dos sistemas hidrológicos, da biodiversidade e do papel fundamental da Amazônia como regulador global do clima exige que cerca de 80% das florestas permaneçam em pé. Para manter 80%, a prioridade urgente é atingir o desmatamento e a degradação zero do ecossistema, e combater os incêndios florestais na Amazônia antes de 2030. Uma moratória completa e imediata de desmatamento, incêndios florestais e degradação do ecossistema em áreas que estão se aproximando de um ponto de ruptura também é necessária.

Reflorestar e restaurar. Paralelamente à conservação, é urgente acelerar as atividades de reflorestamento e restauração. Para salvaguardar a integridade ecológica da Amazônia, é necessário não apenas cessar o desmatamento e a degradação, mas também restaurar e remediar os ecossistemas terrestres e aquáticos. Esses esforços devem ser transfronteiriços e devem apoiar o desenvolvimento e a implementação de iniciativas em nível de paisagem, ajudando a manter a conectividade e a saúde dos ecossistemas de água doce, funções ecológicas, e a conservar e restaurar os biomas heterogêneos e sua biodiversidade, melhorando os meios de subsistência e gerando novas atividades econômicas.

Proteger os povos Indígenas, as comunidades locais e seus direitos. Proteger os direitos dos povos Indígenas e comunidades locais à terra e à água nos países amazônicos é fundamental para a justiça social e para a conservação. Fornecer direitos de posse de terra e um ambiente institucional que possibilite o cumprimento desses direitos é uma forma importante e econômica para os países protegerem suas florestas e diversidade cultural, e atingirem seus objetivos climáticos.

Avançar em caminhos de desenvolvimento sustentável: Combinando tecnologia e ciência com conhecimento tradicional. A pesquisa e o desenvolvimento da bioeconomia circular precisam ser transdisciplinares, bem como envolver atores sociais ou partes interessadas relevantes no processo. O surgimento de uma nova bioeconomia

de florestas em pé e rios fluindo saudáveis na Amazônia deve ser apoiado por políticas ambiciosas baseadas na melhor ciência disponível e em tecnologias avançadas combinadas com o conhecimento tradicional. Investir de forma consistente em educação, ciência, tecnologia e inovação é de suma importância.

Mobilizar financiamento e promover parcerias para conservação, restauração e desenvolvimento sustentável. Sinais de mercado e condições políticas atualmente favorecem o desmatamento em vez da conservação ou da restauração. A escala da bacia amazônica e os desafios que ela enfrenta exigem um desenvolvimento financeiro internacional ambicioso e em grande escala e parcerias financeiras públicas e privadas para promover e sustentar a restauração, a conservação, a gestão florestal, o desenvolvimento de cadeias de valor sustentáveis, pagamentos por esquemas de serviços ecossistêmicos e investimento em educação, ciência, tecnologia e inovação.

7. A floresta amazônica é um ecossistema vital para todo o planeta e parte do insubstituível patrimônio para toda a humanidade. Embora sua administração recaia primeiramente e principalmente sobre as nações da Amazônia, essa responsabilidade também deve ser compartilhada globalmente. Apoio financeiro deve ser mobilizado por economias avançadas, pois elas geram a maior parte das emissões de gases de efeito estufa e contribuem para o desmatamento e a degradação florestal por meio da importação de *commodities* de “risco florestal”.

MAIS INFORMAÇÕES EM

theamazonwewant.org

SIGA O SPA

  [theamazonwewant](https://www.instagram.com/theamazonwewant)

CONTATO

SPA Technical Secretariat New York

475 Riverside Drive | Suite 530

New York NY 10115 USA

+1 (212) 870-3920

spa@unsdsn.org